

"NIHIL OPERI DEI PRÆPONATUR" (RB 43,3)



O monaquismo beneditino e a reforma litúrgica dos séculos XIX e XX, uma proposta de leitura

O preceito de São Bento (480-560) de que "Nada se anteponha ao Ofício Divino"¹, fez com que ao longo dos séculos os mosteiros beneditinos permanecessem lugares de um contínuo celebrar. As horas da oração coral² desde sempre marcaram o ritmo do dia, determinaram os horários do sono, da alimentação, do trabalho etc. O monge, segundo a Regra Beneditina (RB), deveria cultivar uma oração contínua ou pelo menos frequente³. A oração litúrgica tornou-se o "apostolado monástico por excelência"⁴. São Bento, que vive na "época de ouro da liturgia"⁵ bebendo do grande período de criatividade e de intercâmbio entre Oriente e Ocidente, entende que à

¹ A Regra de São Bento. 2. ed. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1992, 43, 3.

² Sobre esse tema específico ver A. ELBERTI, *Canto di lode per tutti i suoi fedeli, origini e sviluppo della liturgia delle ore in Occidente*, San Paolo, Cinisello Balsamo (Milano) 2011, 282-296 e R. F. TAFT, *La liturgia delle ore in Oriente e Occidente, le origini dell'ufficio e il suo significato per oggi*, Lipa, Roma 2001, 177-184.

³ Cf. RB 4,56.

⁴ A. ELBERTI, *Canto di lode per tutti i suoi fedeli*, 283.

⁵ Cf. M PATERNOSTER, *Corso fondamentale di iniziazione alla liturgia*, Bari, 2007-2008, 37.

oração nada se deve antepor porque ela é a manifestação mais viva da presença de Cristo entre os seus.

Usando um sistema de comutação repete o preceito dado aos monges no cap. 4, 21: "*Nada antepor ao amor de Cristo*", retomado no cap. 72, 11: "*Nada absolutamente antepõem a Cristo*", identificando *Ofício Divino* ("LITURGIA" das Horas) com a *manifestação do Cristo* (Cristofania), o *Liturgo* por excelência, ao qual nada se deve antepor. Porém, a contextualização dos citados versículos deixa transparecer que nos ambientes monásticos a oração está intimamente conectada à dimensão ascético-jurídica (obrigação coral) e não litúrgico-ritual⁶. A prova substancial disto é que, também nos mosteiros, ao longo dos séculos uma verdadeira piedade extralitúrgica/devocional foi introduzida no ritmo da vida monástica. Um dado da liturgia porém se manteve inalterado, ou salvaguardado, ao longo dos séculos nos mosteiros: a dimensão comunitária⁷. A própria forma de oração monástica coral impôs que as celebrações, ao menos da Liturgia das Horas e das missas solenes e pontificais, fossem de caráter ministerial *envolvendo sempre* um certo número de *atores*: *hebdomadário, schola cantorum, salmistas, acólitos, leitores, coro* etc.

Embora não seja verdade histórica que esse tenha sido o ponto inspirador do movimento ou dos movimentos surgidos nos mosteiros em torno da liturgia a partir do século XIX, não é também verdade que tal aspecto não tenha influenciado a maré de monges que viram na liturgia o "cume e a fonte" de toda a vida da Igreja⁸ e em torno da qual organizaram um verdadeiro "batalhão", batizado de Movimento Litúrgico, que culminou com a Reforma Litúrgica do Concílio Vaticano II, Sem entrar na discussão da periodização do Movimento Litúrgico (ML), para o nosso escopo, aceitamos as fases indicadas por R. Guardini: "O Movimento Litúrgico primeiramente desenvolveu uma *fase restauradora*; depois aquela *acadêmica*; por fim aquela *realística*"⁹.

Na primeira fase indicada por Guardini a figura de destaque é o fundador e primeiro abade de Solesmes **Dom Próspero Guéranger** (1805-1875). Diante da situação quase que anárquica da igreja na França com o surgimento do movimento neo-galicano e das edições de missais descarnados de elementos da liturgia romana, Guéranger "vê na unidade litúrgica com Roma a premissa indispensável para toda verdadeira vida eclesial"¹⁰. Funda a abadia de Saint Pierre di Solesmes, restaura a vida

⁶ Cf. RB 18, 22-25; 20. São Bento não deixa transparecer o conceito de liturgia como "cume e fonte". Cf. S. ROSSO, *Il segno del tempo nella liturgia, anno liturgico e liturgia delle ore*, Elledici, Leumann (Torino) 2002, 405.

⁷ Segundo o prof. Grillo a "Liturgia não é nem privada nem pública: é comunitária, ou seja, é muito diferente do ser cada um sozinho consigo mesmo diante do problema da salvação; mas é diferente também do ser simplesmente em público, sob o olhar neutro e objetivo de um 'estranho'". A. GRILLO, *La riforma liturgica e il vaticano II, quale futuro?*, Pazzini Editore, Villa Verucchio (RN) 2009, 13.

⁸ Cf. SC 10.

⁹ R. GUARDINI, anotações no diário de 26 de maio de 1953. Citado em A. GRILLO, *Oltre Pio V, La riforma liturgica nel conflitto di interpretazioni*, Queriniana, Brescia 2007, 31.

¹⁰ B. NEUNHEUSER, *Movimento litúrgico*, in *Dicionário de Liturgia*, ed. D. Sartori - A. M. Triacca, Paulus 1992², 791.

monástica, o canto gregoriano. Três obras suas são de fundamental importância: *Considérations sur la liturgie catholique*¹¹, *Institutions liturgiques*¹² e *Année liturgique*¹³. Com razão chama Guardini essa fase de "restauradora" porque a preocupação primeira do beneditino não é outra senão aquela da restauração da liturgia romana cujo auge se encontra, na sua concepção, na Idade Média.

Uma segunda fase, porém, lentamente vai se abrindo com o surgimento do tema das "Origens" e tem como figura de destaque o beneditino solesmense **Dom Ferdinand Cabrol** (1855-1937)¹⁴. Para Cabrol, a liturgia das origens e não aquela medieval é a fonte na qual inspirar-se, é a expressão paradigmática da oração válida para todo tempo. Essa é uma fase realmente "acadêmica" que indicará, por meio do estudo da história da liturgia, a necessidade de uma reforma dos ritos. Nesse contexto se insere a **Abadia de Beuron** na Alemanha, fundada em 1863. Beuron se diferencia de Solesmes porque procura que a vida litúrgica não se restrinja ao coro, mas sim, que penetre a vida no seu conjunto, impregnando-a toda de santidade, ideia expressa na chamada "arte de Beuron" vivamente retratada na majestosa basílica do Mosteiro de São Bento de São Paulo¹⁵.

O Movimento de Beuron se estende por meio das suas fundações: Bélgica (Maredsous), Tchecoslováquia (Emaús-Praga) e Áustria (Seckau). A sistematização desse movimento se deu no ambiente monástico belga de **Maredsous** e de **Mont-César** através do monge de marcante personalidade, **Dom Lambert Beaudoin** (1873–1960), que se apoiou na célebre frase de São Pio X: "A participação ativa (dos fiéis) aos sacrossantos mistérios e à oração pública e solene da Igreja"¹⁶ e a transformou em fim último do que passou a chamar-se Movimento Litúrgico. No mundo alemão nesse período se destacou a abadia de **Maria Laach** com os seus monges **K. Mohlberg** e **Odo Casel** (1886-1948). Na Itália se destacaram o **Mosteiro de Finalpia** com a criação da *Rivista Liturgica* (1914) que se firmou graças à intensa atividade litúrgica do abade do mosteiro **Dom Emanuele Caronti** (1882-1966) e a contribuição de **Dom Ildefonso Schuster** (1880–1954). Dois outros grandes nomes monásticos se destacam no mundo italiano na fase do pós segunda guerra: **Cipriano Vagaggini**

¹¹ A pequena obra, publicada no jornal "Memorial catholique" em 1830, foi reeditada em P. GUÉRANGER, *Mélanges de liturgie, d'histoire et de théologie*, vol. I (1830-1837), Solesmes 1887, 15-110.

¹² P. GUÉRANGER, *Institutions liturgiques*, Société générale de la librairie catholique, Paris-Bruxelas 1878.

¹³ Sobre essa obra cf. F. BROVELLI, per *uno studio de "L'année liturgique" di P. Guéranger. Contributo alla storia del movimento liturgico*, CLV-Ed. Liturgiche, Roma 1981.

¹⁴ Dom Ferdinand Cabrol era monge professo da abadia de Solesmes, e conseqüentemente ligado a Guéranger. Em 1896 foi enviado à abadia de Farnborough, na Inglaterra, e eleito o primeiro abade em 1903. Cercou-se de eruditos e transformou a abadia um grande centro de cultura, nos fins do séc. XIX e início do séc. XX. Cf. A. M. B. CALAPAJ, *Comprendere la liturgia attraverso la storia. A proposito di alcune prospettive di storia della liturgia fra otto e novecento*, in *La liturgia nel XX secolo: un bilancio*, ed. F. G. B. Trolese, Messaggero, Padova 2006, 99-100.

¹⁵ B. NEUNHEUSER, *Movimento litúrgico*, 791.

¹⁶ PIO X, *Motu proprio Tra le sollecitudini*, in ASS 36 (1903-1904), 531.

(1909-1999), que escreve "O sentido teológico da liturgia" (1957)¹⁷, às vésperas do Concílio Vaticano II, introduzindo a liturgia no âmbito da teologia, e **Salvatore Marsili** (1910-1983), que introduziu o pensamento de Odo Casel na Itália. Essa fase que antecede imediatamente ao Concílio é certamente a fase realística.

Com o "Aviso de 1885" se decretou o fechamento dos noviciados das casas religiosas do Brasil. Os mosteiros beneditinos vieram a desfalecer por tal decreto, com um número reduzido de monges. O Abade Geral da Congregação Beneditina do Brasil, Frei Domingos da Transfiguração Machado, prevendo a extinção desta, pediu socorro ao Papa Leão XIII, o qual convocou os monges da então florescente Congregação de Beuron para repovoar os mosteiros brasileiros. No dia 17 de agosto de 1895, aportou na cidade do Recife, a primeira comitiva de monges, imbuídos do espírito do movimento litúrgico de Beuron.

O ML no Brasil também nasceu da iniciativa de um monge beneditino **Dom Martinho Michler** (1901-1969), em 1933¹⁸. Tudo era novo: a liturgia era apresentada como além das rubricas, mais do que alegorismos. No Brasil se começou a descobrir uma teologia da liturgia¹⁹. Depois de Dom Martinho Michler uma série de monges como **Dom Beda Keckeisen** na Bahia, **Dom Polycarpo Amstalden** em São Paulo, **Dom Hidebrando Martins** no Rio de Janeiro, e um verdadeiro movimento monástico feminino em Belo Horizonte sob a guia da Abadessa **Dona Luzia Ribeiro de Oliveira** levaram adiante as ideias da *participação ativa dos fieis na liturgia*. Cientes de que nada se pode antepor ao Cristo, o liturgo por excelência. O último grande elo do monaquismo brasileiro com o ML foi **Dom José Clemente Isnard** (1917—2011), verdadeiro pai e promotor da Reforma Litúrgica do Concílio Vaticano II em terras brasileiras.

Nós, os jovens monges do século XXI, observamos a disponibilidade de nossos pais e mães dos séculos precedentes e entendemos que ainda hoje temos um papel a desenvolver no seio da Igreja, e esse papel nasce, tem sua fonte, exatamente no princípio apontado por Nosso Pai São Bento: Na Igreja "*Nihil Operi Dei præponatur*" (Nada se anteponha à liturgia).

Dom Jerônimo Pereira Silva, OSB
Monge do Mosteiro de São Bento de Olinda
Doutor em Sagrada Liturgia
Membro do Centro de Liturgia Dom Clemente Isnard.
jeronimo.osb@gmail.com

¹⁷ A obra encontra-se em português e é de fundamental importância para se entender o ambiente que gerou a *Sacrosanctum Concilium*: C. VAGAGGINI, *O sentido teológico da liturgia*, Loyola, São Paulo 2009.

¹⁸ Cf. C. J. ISNARD, *O movimento litúrgico no Brasil. Reminiscências para a história do movimento litúrgico no Brasil - Apêndice*, in B. BOTT, *O movimento litúrgico*, Paulinas, São Paulo 1978.

¹⁹ Sobre a história completa do ML no Brasil cf. J. ARIIVALDO DA SILVA, *O movimento litúrgico no Brasil, estudo histórico*, Vozes, Petrópolis 1983.